

Contribuição da Plataforma 4 ao Balanço do Primeiro Congresso do NPA

■ *O primeiro congresso do NPA aconteceu em um contexto marcado pela continuação da crise do capitalismo, o movimento histórico contra a reforma das aposentadorias na França e pela onda de processos revolucionários que atravessa os países árabes. O levante do proletariado e do povo desses países contra a carestia de vida, o desemprego e a ditadura apoiada pelos imperialistas ecoou nos delegados, como demonstrou a reunião organizada com militantes tunisianos e egípcios. Mas o congresso não soube tirar verdadeiramente as consequências sobre o programa a levantar, a política a desenvolver e o tipo de partido a construir.*

A posição 1: crise de uma orientação vacilante, em conflito com a realidade da luta de classes que exige escolher entre reforma e revolução

Um “não balanço”

Para preparar corretamente o futuro, é necessário começar fazendo o balanço do passado. Agora, a direção limitou-se a fazer um relato factual da atividade do NPA nos últimos dois anos, sem tirar nenhuma conclusão política disso. Por que nosso partido perdeu milhares de filiados em um contexto marcado pela crise do capitalismo e pelo desenvolvimento das lutas? Por que sofreu perdas eleitorais? Por que a Frente de Esquerda está em condições de encobri-lo? Por que sempre tem uma inserção muito débil nos setores estratégicos do proletariado? Por que não

conseguimos atrair a nós ao menos uma parte da vanguarda do movimento do outono? Nenhuma tentativa de resposta a estas perguntas. O tom já estava dado: a P1 propunha continuar como antes.

“Transição democrática” na Tunísia e “transição ecológica e social” na França, ou governo dos trabalhadores? É preciso escolher!

Sobre a crise, a Plataforma 1, aliada à Plataforma 3, também se esquivou do debate. Ao mesmo tempo em que, finalmente, denunciou o keynesianismo, defendeu em seu texto um ilusório programa de reformas do capitalismo a serem realizadas por um ilusório “governo a serviço da população” (a “transição ecológica e social”), que não seria um governo dos próprios trabalhadores. Na França, isso significa não se delimitar claramente da Frente de Esquerda que fala de um “governo de esquerda” capaz “de impor uma verdadeira política de transformação social e ecológica”, ou ainda “medidas de urgência”. Na Tunísia ou no Egito, as classes dominantes querem impor uma suposta “transição democrática” para continuar a exploração e a opressão. O que opomos a isso? A associação P1-P3 se mantém calada, acreditando poder fazer, ainda, a grande separação entre, por um lado, um comunicado firmado pelo NPA com o PS (na “Internacional” à qual o partido de Ben Ali pertencia até 17 de janeiro de 2011 e o de Mubarak até 31 de janeiro), o PG [Partido de Esquerda, ou Parti de Gauche], o PCF e EE [Europa Ecologia, agrupação dirigida por Daniel Cohn-Bendit e que recentemente se fundiu com os Verdes], clamando por uma “verdadeira transição democrática” e, por outro, as fórmulas de *Tout est à Nous!* [É tudo nosso, jornal do NPA] que falam de “todo poder ao povo revolucionário: por um governo dos trabalhadores”.

Seria isso “razoável”?

A P1 apresentou sua orientação como ponto de equilíbrio do partido entre a P3, demasiado sensível ao canto de sireias da Frente de Esquerda, e a P2 – e, com mais razão, a P4 – supostamente isolacionistas. Teria que criticar a Frente de Esquerda, mas não muito, defender um programa de ruptura, mas não muito brutal, não traçar prioridades entre lutas e eleições etc. Portanto, chamou aos delegados a unirem-se a esta alternativa “razoável”, enquanto festejava à noite os processos revolucionários em curso. No entanto, é preciso escolher: chamar à razão os trabalhadores e os povos da Tunísia e do Egito que se sublevam, ou propor-lhes uma orientação para destruir o regime até o final, desenvolver seus próprios organismos de poder e expropriar o capital. A experiência do NPA nos últimos dois anos e sua própria crise mostram que não se pode construir um partido anticapitalista sem encarar as questões programáticas e estratégicas decisivas, sem colocar-se prioridades claras. A direção é tanto mais irresponsável ao não fazê-lo, uma vez que se tornou minoritária no partido, já que a P1 não recebeu mais do que 40,8 % dos votos nas AG eletivas e deveria então ter se esforçado para construir uma maioria para as verdadeiras decisões.

A posição 3 : risco de diluição na Frente de Esquerda

A P3 apresentava textos amplamente comuns com a P1, “nossas respostas à crise” e várias partes do texto de orientação. Distingue-se da P1 ao propor uma frente política e social permanente com os antineoliberais, ou seja, os reformistas da Frente de Esquerda. Em particular, a P3 combateu abertamente contra o eixo de um “governo dos trabalhadores”. A experiência de Limousin mostra aonde leva essa orientação: um ano após as eleições regionais, esta já se soldou pela abstenção de um dos dois conselheiros regionais do NPA sobre o orçamento capitalista do PS. Em Aubervilliers, os responsáveis da P3 promoveram uma aliança PCF-PG-NPA-Fase para as eleições regionais. Esta lógica só pode levar objetivamente a romper com o próprio anticapitalismo. Ao final do congresso, uma parte dos dirigentes da P3 decidiram deixar o NPA para unirem-se à Frente de Esquerda. Quanto aos camaradas seduzidos pela orientação da P3 por conta de uma visão pessimista das capacidades do proletariado para impor sua vontade no terreno da luta de classes, o levante de massas na Tunísia, depois no Egito, varrendo os ditadores, derrotando os regimes, estendendo-se hoje para a Líbia com o armamento do povo contra uma repressão monstruosa, no Bahrein e inclusive no Marrocos, deveria apagar suas dúvidas e levá-los a romper com a P3. O fato é que as forças com as quais eles propõem aliar-se são as mesmas que se opuseram à greve geral na França neste outono, com as direções sindicais, e que dissimularam, no marco dos governos de Mitterrand ou de Jospin, a política amistosa com relação a ditadores como Ben Ali.

A posição 2 : um discurso de luta de classes, mas uma negativa a apresentar-se como uma direção alternativa com uma orientação revolucionária

Frente à orientação de tendências reformistas das Plataformas 1 e 3, a Plataforma 2, durante as AG eletivas levou adiante um combate frontal. Mas durante os três dias de congresso, a P2 oscilou. Desenvolveu uma orientação de luta de classes, enquanto propunha à P1, ou em todo caso, à esquerda da P1, dirigir o partido em comum sobre bases mínimas confusas, ao invés de se apresentar como direção alternativa propondo uma orientação revolucionária.

O texto P1-P3 sobre a crise cede ou não a uma lógica reformista?

O representante da P2 que deu o informe sobre a crise explicou primeiramente que a P2 escolheu não emendar o texto da P1-P3, porque este é ambíguo sobre a destruição do Estado e tende a propor um bom governo de esquerda “a serviço da população”, realizando reformas razoáveis, ao invés de ter como eixo a questão do poder dos próprios trabalhadores e do socialismo, levantada a partir das lutas atuais. Mas, em seguida, propôs à P1-P3 começar a trabalhar a partir deste congresso um folheto em comum sobre a crise, partindo do melhor dos dois textos (P1-P3 e P2), coisa impossível segundo a primeira parte de seu discurso. Do mesmo modo, na

conclusão sobre a crise, no domingo, o camarada da P2 respondeu à interpelação da P3 dizendo que, segundo ele, não havia grandes diferenças entre o texto da P1-P3 e o da P2!

A P1 renunciou ou não a construção de um partido revolucionário que tenha como eixo estratégico a greve geral e o governo dos trabalhadores?

Sobre a orientação, o representante da P2 dedicou-se a fazer um exercício de equilibrista. Por um lado, retomou as críticas da P2 contra a P1: eleitoralismo, negativa de delimitação com relação à Frente de Esquerda e às direções sindicais, ausência de esforços sérios para uma implantação operária, pouca importância dada à auto-organização, retrocesso sobre a hipótese da greve geral como meio de transformar a sociedade de maneira revolucionária etc. Por outro lado, disse: sobre tudo isso, estamos de acordo, já que esses são os princípios fundacionais; portanto, podemos fazer juntos uma nova maioria, reunida por um chamado do congresso. A P2 acredita poder resolver as dificuldades do NPA voltando aos princípios fundacionais, enquanto que o impasse atual do NPA tem suas raízes em suas ambiguidades, na recusa a definir uma estratégia clara de poder e a construir um partido revolucionário, militante e implantado no proletariado.

Posição 4 : por um NPA operário, comunista e revolucionário

Como nas AG eletivas, defendemos uma orientação revolucionária, alternativa àquela da P1-P3. Mas também chamamos a P2 a ir até o final da lógica de seus textos, lhes propusemos fazer um bloco por um chamado revolucionário do congresso e os convidamos a construir uma grande tendência para, finalmente, fazer com que uma orientação revolucionária seja majoritária no partido.

Colocar o NPA em sintonia com Túnis, Cairo e Benghazi

Voltamos a dizer que a crise atual é uma crise do capitalismo, que somente pode ser resolvida no marco do capitalismo ao preço de imensos sofrimentos para as massas, que a única maneira de os trabalhadores não pagarem pela crise é conquistar o poder político. Por isso, é necessário desenvolver um programa de transição, cujo eixo é ajudar os trabalhadores a compreender por sua própria experiência, que eles não podem satisfazer de maneira plena e duradoura suas reivindicações sem instaurar seu próprio governo.

Os processos revolucionários em curso nos países árabes, em gestação há anos, mas que a crise fez estourar ao provocar uma alta dos preços dos produtos de primeira necessidade, anunciam os acontecimentos para os quais devemos preparar a vanguarda com uma intervenção política audaz nas lutas cotidianas. As classes dominantes, apoiadas no exército, querem manter esses regimes condenados pelas massas, concedendo reformas cosméticas. Apenas os proletários podem, ao desenvolver sua

auto-defesa e os comitês que começaram a se formar, derrubar os regimes odiados, impor uma Assembléia constituinte desenvolvendo seus próprios organismos de auto-organização, abrindo dessa forma a via para o seu próprio poder. Além disso, os trabalhadores e os jovens não se levantaram simplesmente contra a ditadura apoiada pelo imperialismo, mas também contra a precariedade, o desemprego e a carestia de vida. O programa que defendemos não pode limitar-se a reivindicações imediatas, mas devemos articulá-las com a expropriação sem indenização nem resgate e sob o controle dos trabalhadores das grandes empresas nacionais e imperialistas não apenas das finanças, mas também da indústria e dos serviços, condição para que um governo dos trabalhadores auto-organizados possa começar a reorganizar a economia a serviço das necessidades humanas.

Esses processos, em particular o do Egito, assim como o movimento contra a reforma das aposentadorias na França, confirmam também a volta da classe operária ao centro da cena da luta de classes internacional. Isso faz imperiosa a necessidade do partido se enraizar nos setores estratégicos do proletariado e ter um número cada vez mais importante de operários em nossas fileiras, desde a base até a direção.

Reorganizar claramente a favor de uma maioria revolucionária

Propusemos aos camaradas da P2 redigir em comum um projeto de convocatória ao congresso. Não nos responderam. Destacamos os pontos positivos de seu projeto: não esperar 2012, vontade de apoiar-se nos processos revolucionários dos países árabes, eixo estratégico na greve geral, proposta de campanhas do NPA ligadas às necessidades dos trabalhadores. Mas também indicamos alguns limites estratégicos do texto: delimita-se do PS, mas não da Frente de Esquerda; não diz que a vontade das direções sindicais no movimento das aposentadorias se voltou contra a retirada da reforma e contra a greve geral; não propõe a intervenção organizada nos sindicatos nem colocar em pé uma corrente intersindical antiburocrática na luta de classes; não articula suficientemente as campanhas propostas e a conquista do poder político; finalmente, não diz que os trabalhadores e os jovens necessitam de um partido revolucionário. No entanto, estimamos que, no contexto da crise do partido e do impasse do congresso, os pontos positivos predominavam sobre as debilidades e votamos e chamamos a votar sem condicionantes a favor do projeto de convocatória dos camaradas da P2.

Religião, feminismo, laicidade

O NPA está dividido em duas partes mais ou menos iguais sobre a questão da legitimidade ou não de apresentar nas eleições um(a) militante que carregue símbolos religiosos visíveis. As duas posições principais presentes primeiramente propuseram que o congresso definisse esse tema. A posição que quer proibir a candidatura de militantes que carreguem um símbolo religioso visível foi minoria (122 a favor, 124 contra); a tentativa de condicionar esta candidatura ao acordo de uma maioria de 2/3 do CPN foi rechaçada fortemente por 109 votos contra e 169 a favor de que

isso seja por maioria simples. Isso provocou um violento conflito no seio da P1 e da P3, declarações de voto, camaradas subindo na tribuna, depois a interrupção da sessão. Finalmente, voltou-se a votar no congresso duas vezes sobre o tema, até que uma moção que se pronunciava a favor de uma conferência nacional, a princípio rechaçada, fosse finalmente, majoritária (175 a favor, 113 contra). Este procedimento não é aceitável: frente ao resultado das AG eletivas, pode-se entender o desejo de não dividir o partido em dois sobre essa questão, mas nesse caso era necessário decidir de entrada que o congresso não se pronunciasse e convocar uma conferência nacional, ao invés de fazê-lo após a votação, porque isso não satisfazia a maioria da direção! Isso só podia agravar mais a crise e nos fazer perder um tempo precioso, obrigando a deteriorar as votações seguintes. Mas aqui, como em outras questões, o problema é ter como prioridade a construção, apostando na intervenção na luta de classes. Só nessa situação poderemos abordar em melhores condições algumas questões que são objeto de diferenças importantes.

Uma vitória da democracia: a base do partido rechaçou claramente a moção contra CRI/CLAIRE

Desde a fundação do partido, a direção se levantou contra a Tendência CLAI-RE. Mas sua campanha contra a TC (Tendência CLAIRE) também apontava ao isolamento da posição 4 de conjunto e a intimidar toda a esquerda do partido para dissuadi-la de constituir-se como tendência. Para passar sua moção de excluir a TC, não teve dúvidas em enviar um dossiê de acusações antes das primeiras AG eletivas, sem enviar a resposta da TC a essas acusações sem fundamentos. Vítima do pânico pela derrota de sua moção no primeiro fim de semana das AG, apelou então à abstenção, esperando dar todo alcance à moção. Sem êxito. Por isso, teve que renunciar a submeter sua moção ao congresso, já que o voto da base foi claro: 63,6% contra e 36,4% a favor, uma vez retiradas as abstenções (minoritárias). A vitalidade democrática na base do partido, sobretudo na P2, mas também nas demais, foi a razão do recuo da direção contra a Tendência CLAIRE. Estando a democracia no centro de nosso projeto de emancipação, isso é tranquilizador do ponto de vista da saúde do partido.

A direção também teve que retroceder sobre a modificação dos estatutos

Os informantes sobre os estatutos propuseram ratificar o voto positivo das AG eletivas, mas um camarada da Renault-Cléon protestou: o congresso é soberano, não se pode escamotear o debate. Outro camarada queria submeter uma emenda sobre a remuneração dos militantes profissionalizados e sobre parte do salário cotizada ao partido pelos militantes que ocupam cargos eleitos (vereadores etc.). Finalmente, a direção teve que retroceder por medo de uma nova crise, que continuava a da manhã sobre a questão do véu, perdendo assim sua última arma para fazer calar as oposições, a da exclusão coletiva de um comitê pelo CPN.

Crise no seio da plataforma 1

A P1, já golpeada por tensões políticas internas, foi sacudida por outra crise violenta quando se estabeleceram as listas de cada plataforma para o novo CPN. Enquanto que ela dispunha de 70% dos postos no CPN anterior, que contava com 192 membros, agora não tem mais que 42% de um CPN reduzido a 161 membros. Foi então que os membros do CE, em sua maioria parisienses, tentaram fazer pagar os militantes do interior, que se rebelaram contra os métodos que julgaram “inaceitáveis”.

Nosso partido está em uma encruzilhada: Continuará sem orientação? Ou seremos capazes de fazer dele um partido proletário, comunista e revolucionário?

Ao contrário do que os meios burgueses pretendem, o NPA está longe de estar morto como partido. Os inúmeros chamados a romper o isolamento mostram bem que, no fundo, a burguesia é consciente disso e preferiria ter um enésimo partido da “esquerda da esquerda”, integrado ao regime, do que um partido que poderia converter-se em uma alternativa para milhares de trabalhadores e jovens no momento em que a onda revolucionária afete a França. Mas o congresso não permitiu que o partido saísse da crise, devido ao impasse estratégico no qual se encontra. Seu fracasso manifestou a perda de autoridade de uma direção incapaz de orientar-se na nova situação. O fortalecimento da P2 (97 votos no congresso, ou seja 27,7% e 45 membros na CPN) e os honrosos resultados de nossa pequena P4, alvo da encarniçada hostilidade da direção (13 votos no congresso, ou seja 3,7% e 6 membros da CPN) confirmaram que um amplo setor militante é consciente da necessidade de reorientar o partido em um caminho revolucionário. Mas as vacilações dos dirigentes da P2 freiam esta evolução. Nós lhes propomos mais uma vez abrir a discussão em vistas de uma grande tendência revolucionária, esperando que respondam favoravelmente depois do fracasso do congresso. Da nossa parte, continuaremos lutando por um partido proletário, comunista e revolucionário, com todas aquelas e todos aqueles que compartilhem desse objetivo. Estamos convencidos de que a orientação revolucionária corresponde às necessidades da mobilização das massas em resposta à crise. Começou pela greve geral semi-insurrecional em Guadalupe e em Martinica, prolongou-se nas lutas contra as demissões na França, as jornadas de greve geral e a tentativa de ocupação do Parlamento na Grécia, mobilizações importantes em vários países, o movimento histórico contra a reforma das aposentadorias na França. Hoje, conhece um salto qualitativo com os processos revolucionários em curso nos países árabes. Estamos convencidos de que é possível ganhar milhares de trabalhadores, precarizados, desempregados e jovens radicalizados para um NPA revolucionário. Avante!